

FICHA TÉCNICA

Título: *Beleza Oculta*

Título original: *The Hidden Girl*

Autora: *Lucinda Riley*

Copyright © Lucinda Riley Limited, 2024

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução: *Isabel Nunes e Helena Sobral*

Revisão: *Sónia Silva/Editorial Presença*

Capa: Paisagem © HelloWorld Images/Alamy Stock Photo;

Montanhas © Fotografia de John Finney/Getty Images; restantes imagens © Shutterstock

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 536 892/24

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2024

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Lucinda Riley

BELEZA
OCULTA

TRADUÇÃO DE
ISABEL NUNES E HELENA SOBRAL

 PRESENÇA

Prefácio

Caro leitor,

Obrigado por ter escolhido este romance de Lucinda Riley. Sou o filho de Lucinda, Harry Whittaker. Talvez conheça o meu nome do último volume da série da minha mãe *As Sete Irmãs, Atlas: A História de Pa Salt* (em breve, disponível em Portugal), que se tornou responsabilidade minha após a sua morte em 2021.

Quero explicar como *Beleza Oculta* acabou por ser publicado em 2024. Para tal, tenho de começar por um relato resumido do trabalho da minha mãe, por isso, espero que me acompanhe.

De 1993 a 2000, a minha mãe escreveu oito romances sob o nome de Lucinda Edmonds. A sua carreira foi aparentemente interrompida por um livro chamado *Seeing Double*. A intriga fictícia sugeria que existia um membro ilegítimo da família real britânica. A morte recente da Princesa Diana e a subsequente agitação monárquica significou que as livrarias consideraram o projeto demasiado arriscado. Em consequência, as encomendas de Lucinda Edmonds foram canceladas e o contrato anulado pela editora.

Entre 2000 e 2008, a minha mãe escreveu três romances, nenhum dos quais foi publicado. Então, em 2010, teve uma vitória. O seu primeiro livro como Lucinda Riley — *Hothouse Flower* — chegou às livrarias. Sob o seu novo nome, tornou-se uma das escritoras de ficção feminina mais famosas do mundo, tendo vendido sessenta milhões de livros à data em que escrevo.

Além dos novos romances, a minha mãe reescreveu três livros sob o nome Edmonds: *Aria* (que veio a ser intitulado *The Italian Girl*), *Not Quite an Angel* (publicado como *The Angel Tree*) e o já mencionado *Seeing Double* (que recebeu o título *The Love Letter*). Quanto aos três romances não publicados, já todos foram editados com grande sucesso.

O que me traz a *Beleza Oculta*. Fora originalmente publicado em 1993 com o título *Hidden Beauty*, o segundo romance escrito por ela, aos vinte e seis anos. Referia muitas vezes como se orgulhava da história, sendo sua intenção voltar a divulgá-la. Infelizmente, nunca teve essa oportunidade.

Quando li o livro pela primeira vez, fiquei profundamente impressionado. Nestas páginas, o leitor vai descobrir ambições frustradas, amores proibidos, vingança e crime... culminando numa profecia do passado, esquecida e fatal. Apercebi-me de que o manuscrito continha tanto do que seria importante no seu trabalho posterior — locais fascinantes, a importância da família e a capacidade de o amor ultrapassar gerações. Contudo, como sempre, ela não se esquiva a realidades difíceis como a depressão, o alcoolismo e a violência sexual contra as mulheres.

Não há dúvida de que Lucinda foi sempre uma das melhores contadoras de histórias do mundo, mas a sua voz amadureceu naturalmente ao longo da sua carreira de trinta anos. Levou a cabo um trabalho exaustivo na reescrita dos três livros anteriores, alterando a intriga, acrescentando personagens e melhorando o estilo. Em consequência, assumi o papel de renovar e atualizar o texto, ajudando a transformar os romances escritos sob o nome Edmonds em Riley.

Este processo constituiu um desafio. Naturalmente, eu queria manter o trabalho original tão intacto quanto possível, mas era minha responsabilidade modernizar perspectivas e sensibilidades sem destruir o âmago do romance. Em trinta anos, o mundo sofreu grandes alterações, e os comentários da Internet parecem estar a tornar-se cada vez mais cruéis. Espero ter conseguido caminhar com êxito na corda bamba e ter feito justiça à minha mãe. Tenho de assinalar que ela conhecia muito bem o mundo em que o leitor está prestes a mergulhar. No início da vida, foi atriz e modelo, e tenho a certeza de que partes deste livro se basearam na sua experiência pessoal.

Como os leitores de Lucinda devem saber, a minha mãe gostava de estruturar a sua ficção em volta de acontecimentos históricos, muitas vezes para contar histórias menos conhecidas desses períodos. A série *As Sete Irmãs* capta as tensões das Guerras Mundiais, o conflito entre a Grã-Bretanha e a Irlanda, o movimento dos direitos civis americano, além dos desafios enfrentados pelos aborígenes australianos e o povo romani de Espanha. Em *Beleza Oculta*, Lucinda retrata os horrores do campo de concentração de Treblinka na Polónia ocupada da Segunda Guerra Mundial. O tópico era claramente importante para ela, como também será para todos os cidadãos compassivos e comprometidos. Ela tinha a esperança de que os acontecimentos fictícios retratados neste romance pudessem encorajar leituras mais abrangentes sobre o Holocausto.

E assim, *Beleza Oculta* deixou de estar escondida. Aos leitores que regressam aos livros de Lucinda, a minha mãe espera-vos como se fossem velhos amigos, pronta a puxar-vos para o passado e levar-vos numa dança por todo o planeta. Quanto aos novos leitores, sejam bem-vindos! Estou radiante que tenham decidido passar algum tempo com Lucinda Riley.

Harry Whittaker, 2024

Prólogo

A velha fitou Leah e depois sorriu, o rosto vincado de mil rugas. Leah pensou que ela devia ter, pelo menos, cento e cinquenta anos. Todas as crianças do primeiro ciclo diziam que era bruxa e uivavam como espíritos malévolos ao passarem pela cabana praticamente em ruínas, a caminho de casa através da aldeia, depois da escola. Entre os adultos, era conhecida por Megan, que recolhia pássaros feridos e usava preparados de ervas para lhes sarar as asas feridas. Havia quem dissesse que era louca, outros que tinha o dom de curar e estranhos poderes psíquicos.

A mãe de Leah tinha pena dela.

— Pobre velhota — dizia ela —, sozinha naquela casinha suja e húmida. — Depois dizia à filha para ir buscar uns ovos à capoeira e levá-los a Megan.

O coração de Leah martelava de medo sempre que batia à porta em ruínas. Normalmente, Megan abria-a devagar, espreitava e tirava os ovos das mãos dela com um aceno de cabeça. A porta fechava-se e Leah corria o mais depressa que podia de volta a casa.

Naquele dia, porém, depois de bater, a porta abriu-se muito mais e a menina pôde ver por trás de Megan o fundo escuro da casita.

Megan continuava a fitá-la.

— Eu... eu... a mãe pensou que talvez gostasse de uns ovos. — Leah estendeu-lhe a caixa e ficou a ver os dedos compridos e ossudos a agarrarem-na.

— Obrigada.

Leah ficou surpreendida com o tom suave. Megan não falava nada como uma bruxa.

— Porque é que não entras?

— Bem, eu...

Já um braço lhe envolvia os ombros e a puxava para dentro.

— Não posso ficar muito tempo. A mãe vai ficar a pensar para onde fui.

— Podes dizer-lhe que ficaste a tomar chá com a Megan, a bruxa — disse ela com uma gargalhada grave. — Senta-te ali. Estou a fazer o chá. — Megan apontou para uma das poltronas surradas de cada lado de uma pequena lareira apagada.

Leah sentou-se, nervosa, as mãos enfiadas por baixo das pernas. Olhou em volta da cozinha atulhada. Em todas as paredes viam-se prateleiras repletas de velhos frascos de café cheios de poções com cores estranhas. Megan tirou um frasco, abriu-o e pôs duas colheres de chá de um pó amarelo num velho bule de aço inoxidável. Juntou-lhe água da chaleira, colocou-o num tabuleiro com mais duas chávenas e pousou-o numa mesa em frente de Leah. Baixou-se lentamente e sentou-se na outra poltrona.

— Importas-te de servir, querida?

Leah assentiu, inclinou-se para a frente e verteu o líquido fumegante nas duas chávenas de porcelana lascada. Fungou. O líquido tinha um cheiro estranho e pungente.

— Está tudo bem, não estou a tentar envenenar-te. Olha, vou dar um golinho no meu primeiro e podes ver se eu morro. É só chá de dente-de-leão. Vai fazer-te bem. — Pegou na chávena com ambas as mãos e bebeu. — Experimenta.

Hesitante, Leah levou a chávena aos lábios, tentando respirar pela boca, o aroma pungente demasiado forte para ela. Provou e engoliu sem saborear.

— Ora bem, não foi assim tão mau, pois não?

Leah abanou a cabeça e pousou a chávena na mesa. Remexeu-se na poltrona, enquanto Megan esvaziava a chávena.

— Obrigada pelo chá, foi muito agradável. Tenho mesmo de ir andando. A mãe vai começar a...

— Tenho-te visto passar aqui todos os dias. Vais ser extraordinariamente bonita quando cresceres. Já se nota.

Leah corou, enquanto os penetrantes olhos verdes de Megan a observavam da cabeça aos pés.

— Talvez não seja a bênção que o mundo pensa que é. Toma cuidado. — Megan franziu o sobrolho e estendeu a mão por cima da mesa. Leah estremeceu quando os dedos ossudos se fecharam como garras em volta da mão e sentiu-se inundada de pânico.

— Sim, mas... tenho de ir para casa.

Os olhos de Megan olhavam para lá de Leah e o corpo parecia rígido.

— Há maldade, sinto-a. Tens de estar atenta. — A voz de Megan subia de tom e Leah ficou paralisada de terror. O aperto em volta da sua mão intensificou-se.

— Coisas antinaturais... coisas más... nunca te metas com a natureza, perturbas o padrão. Pobre alma... ele está perdido... condenado... Vai voltar à tua

procura na chameca... e tu regressarás de tua livre vontade. Não podes alterar o destino... tens de ter cuidado com ele.

De súbito, o aperto em volta da sua mão afrouxou e Megan deixou-se cair para trás na poltrona de olhos fechados. Leah pôs-se de pé num salto e correu para a porta da frente, saindo para a rua. Não parou de correr até chegar à capoeira, ao fundo da pequena casa em banda onde vivia com os pais. Abriu o trinco e deixou-se cair no chão, fazendo com que as galinhas debandassem.

Encostou a cabeça à parede de madeira e deixou que a respiração acalmasse.

As pessoas da aldeia tinham razão. Megan era louca. Que dissera ela sobre Leah ter cuidado? Era assustador. Tinha onze anos e não compreendia. Queria a mãe, mas não lhe podia contar o que tinha acontecido. A mãe ia pensar que inventara aquilo tudo e dizer que não era bonito espalhar boatos maldosos sobre uma pobre velhota indefesa.

Levantou-se e dirigiu-se devagar para a porta das traseiras. O cheiro seguro do lar acalmou-a, e entrou na cozinha aquecida.

— Olá, Leah, mesmo a tempo do chá. Senta-te. — Doreen Thompson virou-se e sorriu, mas logo uma ruga de preocupação se lhe formou na testa. — Bem, Leah, o que se passa? Estás branca como a cal.

— Nada, mãe. Estou bem. Só tenho uma dor de barriga, mais nada.

— Dores de crescimento, é o mais provável. Tenta comer alguma coisa e tenho a certeza de que te vais sentir melhor.

Leah foi ter com a mãe e abraçou-a com força.

— Bem, a que se deve isto tudo?

— Eu... eu adoro-a, mãe. — Aconchegou-se nos braços reconfortantes e sentiu-se muito melhor.

Contudo, na semana seguinte, quando a mãe lhe pediu que levasse os ovos a casa de Megan, como era habitual, recusou terminantemente.

Megan morreu passados seis meses e Leah ficou contente.

Parte um

Junho de 1976 a outubro de 1977

1

Yorkshire, junho de 1976

Rose Delancey enfiou o pincel de pelo de marta de boa qualidade no frasco de terebentina. Pousou a paleta na bancada de trabalho cheia de manchas de tinta e afundou-se na poltrona puída, afastando da cara o pesado cabelo arruivado. Pegou na fotografia a partir da qual estivera a trabalhar e comparou-a com a pintura acabada que descansava no cavalete na sua frente.

A parecença era excelente, embora achasse difícil distinguir entre uma égua lustrosa e outra qualquer. Contudo, enquanto tentava organizar uma mostra do seu trabalho para expor na galeria de Londres, pinturas como aquela pagavam as contas.

O trabalho fora encomendado por um lavrador da terra rico que possuía três cavalos de corrida. *Ondine*, a égua castanha que a olhava sentimentalmente do quadro, era a número dois. O lavrador ia pagar-lhe quinhentas libras por cada quadro. Isso permitir-lhe-ia substituir o telhado da casa de pedra labiríntica onde vivia com os filhos numa quinta. Não chegava para solucionar o problema da humidade, cada vez pior, ou avançar para tratar o caruncho, mas era um começo.

Rose estava a contar com a exposição. Se conseguisse vender pelo menos algumas das telas, isso faria toda a diferença nas suas dívidas crescentes. As promessas constantes ao gerente do banco já tinham pouco efeito, e sabia que estava à beira do precipício.

Passara muito tempo desde que exibira o seu trabalho, quase vinte anos. As pessoas podiam tê-la esquecido desde aqueles dias inebriantes, quando era adorada tanto pela crítica como pelo público. Era jovem, bonita e com imenso talento... mas depois tudo correrá mal e deixara as luzes brilhantes de Londres para viver ali, isolada, em Sawood, nas charnechas ondulantes do Yorkshire.

Sim, a exposição em abril do ano seguinte era certamente um risco, mas tinha de compensar.

Rose levantou-se e manobrou habilmente o corpo volumoso por entre a desordem do pequeno estúdio. Olhou pela grande janela para a serenidade

que se estendia além. A vista nunca deixava de a encher de paz, e fora a razão principal porque comprara a casa. Estava empoleirada no topo de uma colina e tinha uma vista ininterrupta do vale lá em baixo. Ao longe, a lasca de água cor de prata conhecida como Reservatório Leeming contrastava com a verdura intensa da paisagem em redor. Iria odiar perder aquela vista, mas sabia que, se a exposição fosse um fracasso, teria de vender a casa e a quinta.

— Bolas! Bolas! Bolas! — Rose bateu com o punho na pedra cinzenta maciça do peitoril da janela.

É claro que havia outra opção. Sempre existira, mas que ela resistia a escolher havia quase vinte anos.

Rose pensou no irmão, David, com a sua *penthouse* em Nova Iorque, a casa de campo no Gloucestershire, a casa de veraneio numa ilha elitista nas Caraíbas e o iate de alto-mar atracado algures ao longo da costa de Amalfi. Houvera muitas noites em que, escutando o ping-ping da água no tacho de metal colocado à direita da cama, pensara pedir-lhe ajuda. Mas preferia de longe enfrentar um despejo a pedir-lhe dinheiro. As coisas tinham corrido demasiado mal, havia demasiado tempo.

Havia muitos anos que não via o irmão, limitando-se a seguir a sua ascensão meteórica nos corredores do poder pelos artigos de jornal. Recentemente, lera que a mulher falecera oito meses antes, o que o deixara viúvo com um filho de dezasseis anos.

Então, uma semana antes, recebera um telegrama.

Querida Rose stop tenho sete compromissos de negócios nos próximos dois meses stop o meu filho Brett deixou o colégio interno a vinte de junho stop não quero deixá-lo sozinho stop ainda chora a morte da mãe stop pode ir ter contigo stop o ar do campo fazia-lhe bem stop ia buscá-lo no fim de agosto stop David.

A chegada do telegrama fizera com que Rose não conseguisse entrar no estúdio durante cinco dias. Dera longos passeios na charneca, tentando pensar por que motivo David estava a fazer aquilo.

Bem, não havia muito que pudesse fazer. O irmão apresentara-lhe um *fait accompli*. O rapaz vinha, provavelmente um miúdo mimado cheio de peneiras, que não iria gostar de ficar numa casa de quinta a cair sem nada que fazer a não ser ver a erva a crescer.

Perguntou a si própria o que achariam os filhos sobre a chegada de um primo até então desconhecido. Rose tinha de arranjar uma forma de explicar o aparecimento súbito não apenas de Brett, mas também de um tio que era provavelmente um dos homens mais ricos do mundo.

Miles, o filho de vinte anos, alto e bonito, assentiria com um gesto de cabeça e aceitá-lo-ia sem fazer perguntas, ao passo que Miranda, de quinze anos... Rose sentiu a habitual pontada de culpa ao pensar na filha adotiva, uma rapariga difícil.

Preocupava-a que fosse por culpa sua que Miranda se mostrava uma carga de trabalhos. Era mimada, mal-educada e lutava com Rose sobre tudo. O seu objetivo sempre fora mostrar-lhe que a amava tanto como a Miles, mas parecia que Miranda sentia que nunca podia competir com o elo entre mãe e filho, carne da sua carne.

Rose esforçara-se tanto por amar Miranda, dera o seu melhor. Todavia, em vez de ela trazer à casa uma atmosfera familiar, Rose constatou que só criava tensão. O misto de culpa e falta de comunicação entre mãe e filha significava que, no máximo, se toleravam uma à outra.

Sabia como Miranda ficaria impressionada com a chegada de Brett e a incrível fortuna do pai. Sem dúvida que iria namoriscá-lo. Era uma rapariga muito bonita, já com uma longa lista de corações partidos atrás de si. Rose gostaria que ela não fosse tão... óbvia. Tinha o corpo já bem desenvolvido e não fazia qualquer tentativa de o esconder. Aproveitava ao máximo o seu espantoso cabelo louro. Rose desistira de lhe proibir o batom vermelho-vivo e as saias curtas, uma vez que Miranda iria amuar durante dias, e o mau ambiente prolongar-se-ia.

Viu as horas. Miranda ia chegar da escola em breve e Miles vinha a caminho de Leeds, pois o semestre na universidade acabara. Pedira à senhora Thompson que preparasse um lanche especial.

Rose iria juntar-se-lhes e anunciar a chegada iminente do sobrinho, como se fosse a coisa mais natural do mundo o filho do irmão ficar com eles durante as férias.

Preparou-se. Tinha um papel a desempenhar. É que nenhum deles podia jamais ficar a saber...